



A FEIRA DE CARUARU E SEU LUGAR NA CIDADE: USOS E APROPRIAÇÕES DA FEIRA POR MORADORES E COMERCIANTES NO COTIDIANO DO BAIRRO DO VASSOURAL, CARUARU-PE

Jonath Tavares Barbosa ¹

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de trazer uma discussão sobre a importância da Feira de Caruaru para os moradores e comerciantes do bairro do Vassoural, local onde a feira está inserida. Faz parte de uma pesquisa de mestrado que se encontra em andamento e que já consegue observar a relevância afetiva e a simbiose que a feira possui, não apenas com a cidade, mas também, com as pessoas que frequentam ou dependem dela para retirar o sustento, trazendo uma perspectiva muito boa sobre os resultados que pretendemos alcançar com o trabalho. Além de um importante centro turístico possui destaque no âmbito econômico e cultural, visto que, movimentam o comércio local e a identidade do agreste pernambucano com suas peculiaridades.

Palavras-chave: Patrimônio, Feira, Caruaru, Vassoural, Lugar.

ABSTRACT

This article aims to bring a discussion about the importance of the Caruaru Fair for the residents and merchants of the Vassoural neighborhood, where the fair is located. It is part of a master's research that is underway and that is already able to observe the affective relevance and symbiosis that the fair has, not only with the city, but also with the people who attend or depend on it to earn a living, bringing a very good perspective on the results we intend to achieve with the work. In addition to being an important tourist center, it stands out in the economic and cultural sphere, as it moves local commerce and is the identity of the Pernambuco countryside with its peculiarities.

Keywords: Heritage, Fair, Caruaru, Vassoural, Place.

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe desenvolver um estudo sobre os usos e apropriações desenvolvidos pelos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural (Caruaru - Pernambuco) em relação à Feira de Caruaru, uma das maiores feiras livres do país, localizada nos limites administrativos desse bairro e está associado à uma pesquisa de mestrado em andamento, ainda com resultados em construção. A Feira corresponde a

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEO-UFPE). Professor das redes municipais de Caruaru e Agrestina, jonathtavares@hotmail.com.



um lugar de destacada expressão turística, econômica e cultural para o município de Caruaru, sendo considerada um dos principais motores que estimularam o desenvolvimento urbano, social e econômico de Caruaru e de sua região de influência no Agreste pernambucano.

A Feira começou a se desenvolver no século XVIII a partir da articulação de distintos fatores, mas sobretudo à intensificação do comércio de gado e atividades da pecuária, que contribuíram para a expansão das atividades econômicas e do povoamento no Agreste e Sertão do Nordeste (ANDRADE, 2005; ARAÚJO, 2011). A Feira de Caruaru começou a se desenvolver a partir da transformação de uma antiga fazenda – a Fazenda Caruru – que funcionava como um posto de apoio e de comércio para boiadeiros, tropeiros e mascates, no caminho utilizado para fazer o transporte de gado entre o sertão e a zona canavieira do litoral. A partir do desenvolvimento desse posto comercial, foi-se consolidando uma rede de “convergência social” e de fortalecimento das “relações de trocas comerciais no local”, possibilitando a ampliação da Feira e, em torno desta, a construção da cidade de Caruaru (BRASIL, 2009; ARAÚJO, 2011).

Além da importância para a expansão urbana do município, a feira também corresponde a uma importante forma simbólica para o imaginário cultural da região Nordeste (e do Brasil, por extensão). Por exemplo, ela tornou-se célebre ao longo do século XX, através do sucesso da música “A Feira de Caruaru”, composição de Onildo Almeida, cantada por Luiz Gonzaga²: “A Feira de Caruaru, faz gosto a gente ver. De tudo que há no mundo, nela tem *pra* vender, na Feira de Caruaru...”. Atualmente, a Feira é considerada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – como um Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, na perspectiva de um lugar de memória e de referência para a história e cultura do Nordeste. Ela foi inscrita no Livro de Registro dos Lugares³ do IPHAN em 2006, a partir da justificativa que a

² A composição foi gravada pela primeira vez por Luiz Gonzaga em 1957, em compacto que também contou com a música “Capital do Agreste”, composição de Onildo Almeida para comemorar o centenário do município de Caruaru.

³ O Livro de Registro dos Lugares do IPHAN foi criado para registrar os mercados, feiras, santuários e praças onde se concentram e/ou se reproduzem práticas culturais coletivas. De acordo com a abordagem do órgão, os “lugares são aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local, onde são realizadas práticas e atividades de naturezas variadas, tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais”. Esses lugares seriam considerados como patrimônio a partir da consideração que são lugares focais da vida social de uma localidade, sendo tematizados em representações simbólicas e narrativas culturais, além de participarem da construção dos sentidos de pertencimento, memória e identidade dos grupos sociais a ele associados. Maiores informações: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>.



Feira corresponde a “um lugar de memória e de continuidade de saberes, fazeres, produtos e expressões artísticas tradicionais” do Nordeste (BRASIL, 2009).

Neste sentido, considerando a Feira de Caruaru como uma expressão do patrimônio imaterial e cultural da cidade, e como uma marca da sociabilidade urbana do uso da rua e de territorialização da cultura popular (ARAÚJO, 2011; MASCARENHAS e DOLZANI, 2008), buscamos apresentar como objetivo desse projeto uma análise dos usos, apropriações e redes de sociabilidade expressas pelos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural (Caruaru/PE) nas suas relações cotidianas com a Feira de Caruaru. Como esse bairro encontra-se diretamente vinculado com a Feira, propõe-se o estudo a partir da perspectiva do lugar, considerando o conceito como um modo de estar e de entender o mundo que se (re)constrói a partir das interseções, encontros e elos afetivos expressos pelos indivíduos nas relações com a sociedade e o espaço vivido (HAESBAERT, 2017).

O interesse pelo desenvolvimento dessa pesquisa surgiu a partir da atuação como professor da rede municipal de ensino de Caruaru, desenvolvendo atividades em uma escola localizada no bairro do Vassoural, próximo à Feira. Ao longo das atividades realizadas no último ano letivo, conseguimos observar e identificar a existência de diversas interações de ordem social, econômica, cultural e afetiva dos estudantes, moradores e comerciantes locais com a Feira: estudantes que trabalham na Feira; a necessidade de adaptar as dinâmicas da escola aos dias de ocorrência e ritmos locais; a observação das mudanças nos usos do bairro e, por extensão, da cidade, de acordo com os fluxos do comércio, dentre outros.

Conforme destacam os documentos normativos da Educação Básica nas esferas Nacional e Estadual – a Base Nacional Curricular Comum e o Currículo de Pernambuco – a Geografia, enquanto disciplina do currículo escolar, precisa considerar “o sujeito e seu lugar no mundo” como uma das unidades temáticas que estruturam o debate disciplinar no Ensino Fundamental (BRASIL, 2017; PERNAMBUCO, 2019). Ao observar as relações existentes entre as dinâmicas da Feira e o cotidiano do bairro e da escola, em conexão com as demandas exigidas na prática docente, passamos a refletir de que forma poderíamos desenvolver análises geográficas capazes de aproximar o conhecimento geográfico escolar dos saberes cotidianos e da realidade vivenciada pelos estudantes nos seus espaços vividos imediatos (a escola, o bairro e a cidade).



A Feira de Caruaru, considerada como uma das feiras brasileiras mais significativas no que se refere aos valores históricos, sociais, culturais e econômicos, apresenta uma quantidade considerável de estudos (ALMEIDA, 2015, 2018; ARAÚJO, 2011; BRASIL, 2009; SILVA, 2007). Porém, esses estudos usualmente se preocupam em analisar a feira através de suas relações com escalas e problemas mais amplos: o município de Caruaru, o Estado de Pernambuco e a região Nordeste, sobretudo. Existem poucas análises sobre as relações internas que podem ser observadas na relação da feira com a o bairro onde ela está inserida, o que justifica nosso interesse de estudar a na perspectiva do lugar, considerando as dinâmicas internas do bairro.

OBJETIVOS

Objetivo geral: Aprender e analisar os usos, apropriações e redes de sociabilidade construídas pelos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural (Caruaru - Pernambuco) a partir das suas relações cotidianas com a Feira de Caruaru.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender os significados culturais associados à Feira pela população do bairro Vassoural.
- Identificar de que forma a organização da cidade e, sobretudo, do bairro do Vassoural se estrutura a partir das dinâmicas da Feira de Caruaru.
- Aprender de que forma os moradores do bairro do Vassoural se organizam para trabalhar na feira, buscando observar as diferenças entre gerações, gêneros e grupos sociais.
- Entender de que forma a Feira de Caruaru contribui para movimentar a economia e a dinâmica cultural do bairro do Vassoural.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos aqui apontados, propomos algumas técnicas de execução que incluem revisão bibliográfica e iconográfica, análise de documentos, publicações, projetos e ações de gestão da Feira de Caruaru e um conjunto de entrevistas e análises de campo. As fontes de informação correspondem ao primeiro passo que será considerado para apreender a dinâmica do tema escolhido em suas



vinculações com a realidade socioespacial considerada. Buscando abarcar o máximo de informações sobre as questões elencadas, serão consideradas três fontes primárias de construção dos dados da pesquisa: levantamentos bibliográficos e iconográficos, fontes documentais e entrevistas e trabalhos de campo.

Nos levantamentos bibliográficos e iconográficos, será privilegiada uma revisão da literatura em obras que se relacionem ao estudo e análise das feiras livres em sua relação com a lógica cultural e econômica. Pretende-se também utilizar obras que dialogam sobre a dinâmica dos processos urbanos, sobre o processo de expansão da feira e da cidade de Caruaru, além da seleção de obras sobre a abordagem humana na geografia, com um enfoque sobre o estudo do lugar e das vivências do espaço.

Na análise das fontes documentais, a análise de documentos, publicações e projetos do poder público será conduzida buscando compreender os discursos oficiais destes atores sobre a Feira de Caruaru, o bairro do Vassoural e a cidade de Caruaru. Dentre as fontes, os documentos do IPHAN serão importantes diretrizes para delinear a importância cultural da feira, pois permite considerar de que forma a retórica da feira como patrimônio imaterial contribui para a dinâmica dos usos do espaço público atualmente verificados.

Nas entrevistas e trabalhos de campo, enfim, buscaremos assumir uma postura hermenêutica e reflexiva de análise nos discursos analisados, pensando-as não apenas como uma coleta de dados, mas interpretando-as como um dispositivo de ação e participação na realidade observada. A metodologia do trabalho de campo consistirá em duas etapas: numa primeira, analisar a movimentação nos dias de feira – onde se observa um maior fluxo de pessoas – e nos demais dias, onde a movimentação cai e usualmente frequentada pela população local. Num segundo momento, serão realizadas entrevistas de caráter investigatório com moradores do bairro do Vassoural e comerciantes da Feira. Nesse momento, buscaremos descobrir o que a feira representa para os diferentes grupos sociais e de que forma ela tem influência nas dinâmicas familiares. A coleta desses dados será baseada na necessidade de cada uma dessas etapas, sendo mais aprofundada no segundo momento.

A partir dessas estratégias metodológicas, buscaremos apreender de que forma as dinâmicas culturais e econômicas se conectam. De um lado, compreender as ligações identitárias, afetivas e simbólicas que aproximam diferentes grupos sociais com os espaços da Feira. Por outro lado, analisar como a perspectiva cultural estimula o



desenvolvimento de toda uma cadeia produtiva que envolve a Feira, contribuindo para o desenvolvimento econômico da cidade e dos comerciantes locais das mais diversas ordens (estacionamentos, restaurantes, barraqueiros, etc.).

REFERENCIAL TEÓRICO

Essa pesquisa se enquadra dentro de um contexto de debates e análises que se observam em disciplinas como Geografia, Ciências Sociais, Antropologia e História que envolvem uma reflexão sobre as feiras livres como expressão da história, formação territorial e das redes de sociabilidade observadas nas cidades brasileiras (ALMEIDA, 2015, 2018; ARAÚJO, 2011; JESUS, 1992; MASCARENHAS e DOLZANI, 2008). Amplamente difundidas em todo o Brasil, as feiras livres apresentam ligações históricas com o processo de formação territorial do país, podendo ser lidas como uma herança da tradição cultural de origem ibérica, implantada durante o período de colonização (JESUS, 1992; ARAÚJO, 2011). Como destacam Mascarenhas e Dolzani (2008, p. 75), as feiras livres no Brasil podem ser consideradas como uma “modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos”.

Além das feiras livres para distribuição de produtos alimentares, no Brasil também pode ser observado uma grande importância das feiras de gado que, entre os séculos XVIII e XIX, contribuíram para a formação de núcleos de povoamento que, posteriormente, se transformaram em importantes centros urbanos, sobretudo no interior do Nordeste e de São Paulo (JESUS, 1992). Araújo (2011) destaca que as feiras tradicionais que atualmente se encontram no Nordeste brasileiro, dentre os quais a Feira de Caruaru, se desenvolveram a partir de um conjunto de fatores históricos, dentre os quais: a estrutura econômica regional; a densidade demográfica; os meios de comunicação, que se davam usualmente por meio do transporte animal; pela composição étnica.

Entretanto, uma das principais questões que contribuíram para o desenvolvimento dessas feiras foi a expansão da pecuária e do comércio de gado entre os séculos XVIII e XIX. Conforme destaca Andrade (2005), a atividade pecuária criou diversas áreas de repouso onde as tropas paravam para descanso, estimulando a formação nesses espaços das primeiras povoações e vilas de alguns espaços do interior



nordestino. Essas povoações estimularam a formação das primeiras agriculturas, de atividades comerciais primitivas e a construção das primeiras estradas, que acompanhavam os “caminhos do gado” (ANDRADE, 2005; ARAÚJO, 2011).

Conforme Araújo (2011, p. 39), na dinâmica regional do Nordeste “é das praças comerciais formadas a partir do comércio do gado que surgem as feiras livres, as quais foram um importante elemento para o desenvolvimento das cidades”. A cidade de Caruaru é um dos casos representativos desse processo, cujo desenvolvimento se iniciou a partir da feira livre que se formou a partir de um desses postos de apoio e de comércio à atividade pecuária, favorecido por sua localização geográfica e sua importância mercantil para a região do agreste pernambucano (BRASIL, 2009; ARAÚJO, 2011).

A partir de um cenário inicialmente agrário, representado pela antiga Fazenda Caruru, que foi transformada a partir do século XVIII em um posto de apoio e de comércio no caminho utilizado para fazer o transporte de gado entre o sertão e a zona canavieira do litoral, formou-se a Feira de Caruaru e a própria cidade, atualmente uma das principais da região do Agreste de Pernambuco. Conforme as palavras de Araújo (2011, p. 41):

[...] a cidade de Caruaru tem sua origem no século XVIII, em uma fazenda chamada Caruru que dava pouso aos tangedores, tropeiros, viajantes e mascates, com um rio próximo para dar de beber aos bois, o rio Ipojuca. Tal aglomeração permitiu o surgimento de pequeno comércio de itens e serviços ligados à lida com o gado, com o resultando, com o passar do tempo, na feira. Esta, contudo, só se configurou plenamente quando José Rodrigues da Cruz, proprietário da fazenda, construiu, em 1781, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Foi no seu adro que uma pequena feira se formou para dar sustentação às novas funções que a Fazenda Caruru vinha adquirindo e que, então, com a construção da capela, se ampliavam. De ponto de apoio a boiadeiros e viajantes, a fazenda passou a ser também o lugar para onde os habitantes da região do vale do rio Ipojuca acorriam para realizar suas obrigações religiosas [...] Na medida em que o povoado se dinamizava e crescia, o espaço foi também apropriado pela feira que, por sua vez, se beneficiou de suas dimensões generosas. Nesses dias de comércio ao ar livre, Caruaru não era apenas uma passagem e um ponto de apoio, mas um lugar de convergência das gentes, dos produtos e das artes de um território que, dia a dia, ficava maior.

Atualmente, Caruaru se apresenta como um dos polos comerciais mais importantes da região e uma das principais cidades médias de Pernambuco. A feira se ampliou, recebe milhares de visitantes por ano e se tornou um Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, conforme a salvaguarda do IPHAN. Devido ao grande crescimento da Feira e aos problemas que ocorriam no centro de Caruaru nos dias de feira, ela foi transferida em 1992 para o Parque 18 de Maio, uma área com mais de 40 mil metros



quadrados localizado no bairro do Vassoural (ARAÚJO, 2011; ALMEIDA, 2015; 2018).

A mudança da Feira para esse amplo terreno localizado no bairro do Vassoural provocou um conjunto de mudanças no lugar, alterando desde sua configuração territorial aos usos e apropriações do bairro. Como destaca Silva (2007), a transferência da Feira para fora do centro da cidade ofereceu uma melhor infraestrutura e maior espaço, permitindo sua maior consolidação e expansão, passando a ocupar não apenas o terreno do Parque 18 de Maio, mas se ampliando e absorvendo as ruas vizinhas ao parque, dentre as quais, do bairro Vassoural.

Neste sentido, considera-se neste projeto que a Feira de Caruaru corresponde a uma forma simbólica espacial que possibilita uma aproximação de questões que envolvem a economia, cultura e as dinâmicas estruturantes do espaço urbano. Tal questão indica-nos a possibilidade de discutir suas dinâmicas a partir da abordagem da geografia econômica cultural: refletir sobre de que forma espaços com valores culturais e patrimoniais podem contribuir para a produção de bens e serviços simbólicos, essenciais para a reprodução da dinâmica urbano-regional (CORRÊA e ROSENDAHL, 2010; DO RIO, 2010; GERTLER, 2010; JESUS, 1992).

Assim, as reflexões teóricas que guiam este projeto estão vinculadas ao debate que envolve a Geografia Cultural, sobretudo a destacada abordagem da geografia econômica cultural (CORRÊA e ROSENDAHL, 2010; DO RIO, 2010; GERTLER, 2010). Ao considerar a abordagem cultural e econômica para o estudo da Feira como um fenômeno urbano, preocupa-nos observar as dinâmicas de uso e produção do espaço público da cidade, buscando analisar de que forma a dimensão social e cultural da produção econômica funciona para comunicar a cultural regional e manter a dinâmica dos sistemas locais de produção.

A partir dessa abordagem, esperamos contextualizar a Feira dentro da comunidade onde ela está inserida, buscando compreender de que forma essa feira se adaptou ao bairro e contribuiu para transformar suas dinâmicas internas. Essa fundamentação teórica permite-nos desenvolver uma reflexão crítica da Feira como um espaço vivido, possibilitando a compreensão da rede complexa de processos, agentes, sentidos, pertencimentos e identidades que caracterizam a construção social desse espaço. Como destacou o geógrafo Denis Cosgrove, a geografia está em toda parte, sendo reproduzida diariamente por todos nós na nossa relação com as cidades, dentro de



nossas dinâmicas cotidianas e ações sociais (COSGROVE, 2012). Se a Feira pode ser considerada como um espaço de articulação entre as vivências, saberes e expressões culturais da comunidade onde está inserida, a abordagem cultural pode nos ajudar a compreender criticamente a dinâmica desses espaços vividos, abordando suas identidades sociais, relações e conflitos.

Por fim, esses debates indicam a possibilidade de considerar tais questões a partir da dinâmica do lugar, considerado como a categoria geográfica vinculada aos valores, experiências e significados dos sujeitos que produzem e vivem cotidianamente o espaço (HAESBAERT, 2017; HALLEY, 2015; TUAN, 1983). Nessa perspectiva, o lugar pode ser considerado como uma trama de significados que é constantemente (re)construído pela experiência e relações afetivas construídas com a dinâmica dos lugares. Para essa abordagem cultural, o lugar encontra-se imbricado com as relações cotidianas, o que coloca no debate questões como o espaço vivido, os modos de vida e as relações de pertencimento e de identidade. Assim, na interação das pessoas com seus lugares cotidianos, os sujeitos e seus lugares são indissociáveis, configurando a expressão empírica e subjetiva da totalidade do espaço cotidiano (HAESBAERT, 2017; HALLEY, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Feira de Caruaru se apresenta como um forma simbólica espacial com importante papel para o debate histórico, sociocultural, identitário e urbanístico que envolve a cidade de Caruaru, o estado de Pernambuco e a região Nordeste. Como destaca a recomendação de salvaguarda apresentada pelo IPHAN, a Feira se apresenta como um “lugar estruturante de relações socioculturais”, que comunica alguns dos elementos que compõem a identidade e cultura do Nordeste. Dentre outras questões, a feira possibilita: a permanência de elementos da cultura nordestina tradicional; a conservação da memória de práticas socioeconômicas e culturais que fazem parte da sociedade local; a valorização dos “patrimônios vivos” que ainda trabalham na Feira, expressos pelos artesãos, raizeiros e representantes religiosos (BRASIL, 2009, p. 88).

Conforme destacado por Araújo (2011), a Feira corresponde a um ponto focal de referência da cultura pernambucana e nordestina pelo conjunto de formas de expressão, saberes, ofícios, modos de fazer, viver, comer, vender e comprar que abriga na



diversidade do seu conjunto de feiras. Apesar de ser apresentada com seu nome no singular, a Feira de Caruaru corresponde a um conjunto de feiras que apresentam graus distintos de temporalidade, enraizamento na cultura local e no imaginário da sociedade local, regional e nacional (BRASIL, 2009; ARAÚJO, 2011). De acordo com o dossiê apresentado pelo IPHAN, a Feira pode ser dividida entre: Feira do Artesanato; Feira do Gado; Feira da Sulanca; Feira do Paraguai (ou de Importados); e a Feira Livre.

Essas diferentes feiras representam, além de distintos usos do espaço público, uma diversidade de produtos e de tipos de comércio que comunicam aspectos da cultura regional: o comércio de gado e de produtos de couro; a venda de artes cerâmicas esculpidas no barro, como as figuras de barro criadas por Mestre Vitalino e que expressam aspectos da cultura regional; produtos alimentares que envolvem as gomas e farinhas de mandioca, variações de carnes locais, ervas e raízes medicinais; comércio de roupas e produtos têxteis artesanais, dentre outras.

Essas dinâmicas que envolvem a Feira se sobrepõem aos aspectos comuns e cotidianos da vida do bairro do Vassoural. Pode-se observar a existência de usos e interesses múltiplos, que possibilita uma confluência de olhares sobre e para a feira que incluem: o poder público (nas gestões municipal, estadual e nacional), grupos que envolvem o turismo cultural e a sociedade civil, envolvendo feirantes, fregueses e moradores locais (ARAÚJO, 2011). Esses interesses múltiplos também contribuem para a observação de encontros e desencontros que envolvem os usos do espaço público, no debate ligado às transformações constantes nos usos dos espaços públicos do bairro, cujos diferentes usos dos moradores, comerciantes, visitantes e feirantes indicam a existência de conflitos.

Assim, como professor na rede municipal de educação que vivencia a rotina do bairro do Vassoural, consideramos a importância de desenvolver essa pesquisa para problematizar a Feira de Caruaru no lugar onde ela está inserida, considerando as “tramas de enredos” e experiências intrínsecas do lugar: analisar o envolvimento mútuo das pessoas pelo “‘pulsar’ mais intenso da vida local, que estimula e ressoa suas especificidades para outros recantos da célula urbana” (HALLEY, 2015, p. 10). Entender a Feira a partir do espaço imediato que a cerca, assim como pelas relações de lugar aí estabelecidas, corresponde a uma questão fundamental para compreender a produção do espaço e a forma como são expressas, em suas diversas expressões, as identidades, relações espaciais, representações e usos do espaço da cidade.



Por fim, destacamos que essa pesquisa apresenta uma relevância e importância para a Geografia pois pode nos ajudar a compreender e valorizar como se constroem as individualidades e identidades territoriais desse lugar, permitindo compreender a heterogeneidade dos lugares e a convivência de indivíduos e grupos sociais com interesses e identidades diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas dinâmicas que envolvem a Feira se sobrepõem aos aspectos comuns e cotidianos da vida do bairro do Vassoural. Pode-se observar a existência de usos e interesses múltiplos, que possibilita uma confluência de olhares sobre e para a feira que incluem: o poder público (nas gestões municipal, estadual e nacional), grupos que envolvem o turismo cultural e a sociedade civil, envolvendo feirantes, fregueses e moradores locais (ARAÚJO, 2011). Esses interesses múltiplos também contribuem para a observação de encontros e desencontros que envolvem os usos do espaço público, no debate ligado às transformações constantes nos usos dos espaços públicos do bairro, cujos diferentes usos dos moradores, comerciantes, visitantes e feirantes indicam a existência de conflitos.

A partir dessas observações iniciais, aponta-se a questão central do trabalho: quais são os usos, apropriações e redes de sociabilidades construídas pelos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural (Caruaru/PE) nas relações cotidianas com a Feira de Caruaru? Em outras palavras, de que forma se estabelecem os laços sociais, culturais e econômicos entre as dinâmicas socioespaciais do bairro do Vassoural com a Feira de Caruaru?

Ao construir essa questão central, interessa-nos problematizar a dinâmica urbana, cultural e econômica que envolve as relações dos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural com a Feira. Buscamos analisar de que forma a feira se conecta à dinâmica urbana, econômica e cultural do bairro, considerando que as feiras livres são, além de um ambiente favorável ao comércio, também podem ser compreendidas como um *loci* de sociabilidade (ARAÚJO, 2011): são lugares privilegiados onde se desenvolvem uma série de interações sociais, práticas no espaço público e expressões identitárias na construção do espaço urbano.



Como o bairro do Vassoural encontra-se diretamente conectado com a Feira, – tanto pela proximidade geográfica quanto pelo grande número de moradores locais que trabalham na feira – propõe-se problematizar essas questões a partir da perspectiva do lugar, considerando esse conceito como um modo de estar e de entender o mundo que se (re)constrói a partir das interseções, encontros e elos afetivos expressos pelos indivíduos nas relações com a sociedade e com o espaço vivido (HAESBAERT, 2017).

Para auxiliar o desenvolvimento da pesquisa, apresentamos algumas questões secundárias: Quais são os significados culturais associados à Feira pela população (moradores e comerciantes) do bairro Vassoural? De que forma a organização do bairro do Vassoural e da cidade de Caruaru se estruturam a partir da consideração das dinâmicas da Feira de Caruaru? Como os moradores do bairro do Vassoural se organizam para trabalhar na Feira? De que forma as diferenças geracionais, de gênero e de ordem sociais influenciam nas relações afetivas e estruturação do trabalho na Feira? Quais as contribuições da Feira de Caruaru na movimentação da economia e da dinâmica cultural do bairro do Vassoural?

Com isso, pretendemos chegar ao final da pesquisa com uma percepção de qual a importância da feira para seus moradores e comerciantes especialmente do bairro do Vassoural, visto que, a dinâmica do bairro é afetada diretamente pela movimentação causada em dias de feira, pois, as ruas ficam intransitáveis de carro e o deslocamento só consegue ser realizado, nos limites do bairro, andando ou de moto. Vale salientar também que a dinâmica da cidade é bastante afetada também nesses dias, porém, não é nosso objetivo trabalhar esse fenômeno numa escala geográfica maior.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anthony de Pádua Azevedo. **Caruaru/PE: De Fazenda a Cidade Média**. 2015. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

_____. **Entre a reestruturação urbana e a reestruturação de uma cidade média: o papel das grandes superfícies comerciais em Caruaru/PE**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2018.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da Questão Agrária no Nordeste**. 7. ed revista e aumentada. São Paulo: Cortez Editora, 2005.



ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: Um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Minho, Braga, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê IPHAN 9 – Feira de Caruaru**. Brasília, DF, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Economia, Cultura e Espaço: Uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Economia, Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 07-14.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia Cultural: Uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 219-237.

DO RIO, Gisela A. Pires. Jogo de Espelhos: A dimensão cultural do econômico. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Economia, Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 15-36.

GERTLER, Meric S. Uma Geografia Econômica Cultural da produção. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Economia, Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 37-98.

HAESBAERT, Rogério. **Por amor aos lugares**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HALLEY, Bruno Maia. **Água Fria: Tramas de enredos de um bairro na cidade do Recife**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. **Revista Brasileira de Geografia**, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, v. 54, n.1, jan./mar. 1992, p. 95-120.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira Livre: Territorialidade da cultura popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, ago./2008, p. 72-87.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino fundamental / Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação**. Recife: A Secretaria, 2019.

SILVA, Kleber Costa da. Dinâmicas regionais de cidades de porte médio: Um estudo de caso sobre a concentração de serviços de saúde em Caruaru-PE. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.